

Resenha

Lições de Haroldo de Campos

Júlio Castañon Guimarães

CAMPOS, Haroldo de. *Cartas de Haroldo de Campos a Inês Oseki-Dépré (1967-2003)*. Organização, revisão e notas: Inês Oseki-Dépré com a colaboração de Vinícius Carneiro. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2022.

Nesse gênero especialmente maleável, o da correspondência, em que cabe de tudo, estas cartas de Haroldo de Campos para Inês Oseki-Dépré têm característica bem definida. Nelas, talvez chame atenção em primeiro lugar o volume de informações. A impressão que se tem é de uma massa de questões ora apenas referidas, ora esmiuçadas, mas sempre pressupondo intenso trabalho. E são informações de diversas naturezas – bibliográficas, teóricas, de práticas de tradução –, mas também mais pessoais, ainda que em menor escala, sobre viagens, encontros, questões de saúde. No fim das contas, trata-se sobretudo de um conjunto de cartas relacionadas diretamente com uma atividade, um trabalho. São cartas ligadas, na maior parte, a uma tarefa específica, quando então a correspondência se torna quase um estudo de um caso de tradução. Em torno dessa tarefa circulam concepções de tradução, discussões de poética, projetos de trabalho correlatos.

O leitor dessa correspondência tem a possibilidade de contar, já de início, com dois guias. Primeiro, tem-se o texto introdutório de Simone Homem de Mello – “O ‘gálico-galáxiotexto’, via postal, entre Haroldo de Campos e Inês Oseki-Dépré”. Aí se ressalta ser uma “sorte” que a publicação da correspondência de Haroldo de Campos comece por esse conjunto, tendo em vista a condição de Inês Oseki-Dépré como especial interlocutora quanto a questões literárias e teórico-literárias. Professora na Universidade de Aix-en-Provence, autora de várias obras no campo dos estudos de tradução, tradutora de autores brasileiros para o francês e de franceses para o português, traduziu para o francês a obra *Galáxias*, de Haroldo de Campos. A introdução relaciona as etapas da correspondência com o andamento não só do trabalho de Haroldo de Campos – sua produção poética, crítico, teórica –, mas da própria crítica com suas diversas correntes, ou seja, com a situação histórica em que ela se desenvolve. É esse o foco do trabalho de Simone Homem de Mello, que assim já esclarece não

exatamente a matéria de que se ocupará a correspondência, mas quais os componentes com que ela conta nas abordagens que realiza. E desses aspectos ressalta o que a autora observa: Haroldo de Campos terá “historizado a própria obra em vida”, na medida em que sempre a publicou “ao lado de apreciações críticas, fundamentações metadiscursivas e vieses programáticos bastante coerentes”. É nesse ambiente, por assim dizer, que estão inscritas as cartas. Importa, porém, ressaltar a “centralidade que a tradução literária adquire neste conjunto de cartas”, como afirma a autora. Identificar aí o lugar da tradução é já o que nos encaminha para o texto seguinte.

Inês Oseki-Dépré começa seu texto de apresentação salientando o exercício da correspondência por parte de Haroldo de Campos como a prática de um gênero, entre os muitos outros que praticou, a que se entregou de modo constante, profuso e profícuo. Dessa prática alguma coisa já veio a público – cartas esparsas ou mesmo um pequeno conjunto, como a correspondência com Octavio Paz incluída no volume *Transblanco*. Em seu texto, Inês Oseki-Dépré como que prepara o leitor para o confronto com as cartas – confronto, e a palavra não é casual, porque talvez a leitura não seja simples. Muitas das cartas são compostas inteiramente pelo exame detalhado de dezenas de pequenos problemas de tradução ou de escrita – lembrando sempre que escrita e tradução aí se confundem, em todos os sentidos. Explicitam-se nessa introdução os assuntos, os temas predominantes, mais recorrentes, com esclarecimentos sobre as relações desses com os interesses literários de Haroldo de Campos e seus contatos europeus.

Inês Oseki-Dépré, entre outros aspectos, salienta que “as cartas de Haroldo de Campos pertencem ao paradigma daquelas cujas respostas permanecem implícitas nas entrelinhas do interlocutor”. Essa percepção já constitui de certo modo uma justificativa para que o volume não contenha as duas partes do diálogo, ou seja, as cartas da própria Inês Oseki-Dépré. No entanto, não há na edição maiores comentários sobre a ausência delas. Pode-se supor que a destinatária tenha guardado mais atentamente as cartas recebidas de Haroldo de Campos, e que este por sua vez não tenha sido tão organizado nesse aspecto. Não há informações sobre os documentos deixados pelo poeta. Talvez se trate de impossibilidade de acesso a esses documentos, caso tenham sido preservados. Pode-se supor também que Inês Oseki-Dépré não julgasse relevante sua parte da correspondência. Embora em vários momentos se depreenda o que numa carta precedente dela tenha motivado a resposta de Haroldo de Campos, certamente no conjunto elas seriam importantes.

Além desses roteiros introdutórios, o volume conta ainda com um posfácio de natureza ainda mais específica. Constitui ele uma apresentação do processo

de tradução das *Galáxias* para o francês, tradução que Inês Oseki-Dépré classifica como “transcrição’ a quatro mãos”. Sua exposição do trabalho é precedida por duas observações. A primeira diz respeito ao fato de que, sendo a tradução uma prática, essa apresentação é uma “tentativa” de “racionalizar uma metodologia que se deduz de uma prática e não o inverso” – ressalte-se essa observação: “e não o inverso”, pois nem sempre isso fica claro diante da profusão de estudos teóricos na área. Essa observação é interessante sobretudo vinda da autora de estudos na área. A segunda observação constitui uma espécie de resumo da postura de Haroldo de Campos em seu trabalho de tradução para o português do poema *Blanco*, de Octavio Paz. Estabelecendo a devida distinção entre traduzir para sua própria língua, no caso de *Blanco*, e traduzir para outra língua, no caso das *Galáxias*, Haroldo de Campos no primeiro caso ainda podia se valer não só de seus “trabalhos e hipóteses anteriores”, mas também de sua correspondência com Paz. Assim, a participação de Haroldo de Campos na tradução de *Galáxias* se situa em planos “semântico e/ou o plano fônico-prosódico, a partir das minhas escolhas”. A tradução de *Blanco* situa-se no plano da tradução criativa, quando a atuação do tradutor se faz de modo mais plenamente independente. No entanto, no exame das soluções a adotar, os dois trabalhos se aproximam. A tradutora das *Galáxias* dá assim vários exemplos das intervenções de Haroldo de Campos no desenvolvimento da tradução, não sem antes lembrar (já o havia dito no prefácio) de modo específico que “Haroldo de Campos é antes de tudo um *syntaxier*, como Stéphane Mallarmé”. E isso se vê em boa parte dos numerosos comentários – além, naturalmente, do próprio fluxo do texto das *Galáxias* –, quando há uma busca frequente da melhor preposição ou conjunção, daquela mais adequada. Mas isto ainda é apenas uma parte da discussão. Quando se refere justamente a Mallarmé, poeta da sintaxe, é o caso então de lembrar as notas de Haroldo de Campos para sua tradução de *Un coup de dés*. Vê-se aí o procedimento de anotação minuciosa, em busca das soluções a serem adotadas em vários níveis. Além de uma concepção mais ampla, ou melhor, dentro dela, desenvolve-se o trabalho com as miudezas que vão tecendo o texto. São próximos – guardando, claro, as devidas peculiaridades e dimensões – esse trabalho de anotação da tradução de Mallarmé, o trabalho da tradução de *Blanco* e o das *Galáxias*.

As cartas, como já se disse, são ocupadas preponderantemente pelas questões relativas a tradução, mas não só. A certa altura, a propósito de encontros na Europa, lê-se: “eu transito por aqui como um brasileiro meio bizarro e enciclopédico que houvesse caído do planeta marte... de qualquer modo, tenho sido recebido de braços abertos em toda parte (e mesmo disputado pelos grupos...),

o que me facilita tudo”. Sem qualquer modéstia, tem-se aí a amplitude da circulação de Haroldo de Campos. Mas o que interessa mesmo é sua postura nas cartas, que varia entre a de orientador e a de parceiro de trabalho. Assim, em meio a indicações bibliográficas, ele faz de certo modo o acompanhamento do trabalho acadêmico que Inês Oseki-Dépré estava escrevendo sobre Michel Butor, da tradução que ela fez de Jacques Lacan, da que fez de *Algo: preto*, de Jacques Roubaud, além de tecer observações sobre trabalhos dela a respeito dele próprio.

O volume traz um bom número de fac-símiles. Há muitos fac-símiles das cartas, o que permite ver a correspondência com suas emendas, acréscimos, como que a parte do improvisado, o que pode ter a ver não apenas com o curso da escrita, mas mesmo com um processo de reflexão. Mas especialmente importante, e parte fundamental do volume, é o conjunto dos fac-símiles das páginas com o texto de *Galáxias* enviadas com anotações profusas. Aqui, além de um documento em que se visualiza o trabalho, tem-se este em vias de elaboração, tem-se a mão na massa, em etapa distinta daquela dos comentários das cartas. Ao lado do que está sistematizado nas anotações, aparecem aqui outras notas, em relação imediata com o corpo do texto.

A correspondência tem início em 1967, quando já havia passado a fase mais conturbada do surgimento do movimento concreto. O volume *Teoria da poesia concreta*, espécie de suma do movimento, havia saído em 1965. Haroldo e Augusto de Campos já tinham publicado o trabalho sobre Sousândrade, bem como as traduções de Pound, Joyce e Maiakovski. É em 1967 que Haroldo de Campos publica *Metalinguagem*, sua primeira coletânea de textos de crítica, e pouco depois, em 1969, publica *A arte no horizonte do provável*. Assim, esta correspondência começa quando também tem início a fase mais sistemática da produção crítica de Haroldo de Campos – e as duas coisas não estarão isoladas. Uma correspondência muitas vezes fica num espaço um tanto vago, funcionando como uma espécie de fornecedora de dados. No caso desta correspondência, porém, ela se situa perfeitamente no campo dos estudos literários, sendo uma obra de especial importância no plano dos estudos de tradução. Se é material para se acompanhar e compreender o texto das *Galáxias* que se foi realizando em francês, é também material de primeira mão para a leitura do próprio texto português das *Galáxias*.